

## **E os trabalhadores pararam as máquinas: A greve geral em defesa de João Goulart na cidade-fábrica Rio Tinto (Paraíba, 01 de abril de 1964).**

**The workers stopped the machines: the total strike in favor of President João Goulart in the factory-town Rio Tinto (Paraíba, April 21st 1964).**

Eltern Campina Vale<sup>1</sup>

**Resumo:** A cidade-fábrica Rio Tinto - propriedade da família Lundgren e inaugurada em 1924 - presenciou a atuação de um dos mais emblemáticos movimentos operários registrados na Paraíba. Este artigo – fundamentado em considerado material empírico - apresenta, para tanto, um momento histórico extraordinário: a decretação de uma greve geral em Rio Tinto no dia do golpe civil-militar de 1964, em favor do Presidente João Goulart. Esta paralisação de resistência, seguiu orientações da C.G.T, e seus significados obrigatoriamente se confundem com o nível de organização que os trabalhadores estavam implementando contra os seus patrões – os Lundgren. O golpe se constitui, destarte, um marco de coerção ao movimento operário de Rio Tinto.

**Palavras-chave:** Golpe civil-militar de 1964; Trabalhadores; Paraíba.

**Abstract:** The factory-town Rio Tinto - property of the Lundgen family launched in 1924 - witnessed the one of the most emblematic labor movements registered in Paraíba. This article – based on considerable empirical material – presents an extraordinary historical movement: the announcement of a total strike in Rio Tinto on the day of the 1964 civilian and military coup, in favor of President João Goulart. This resistance shutdown followed the guidance of the C.G.T., and its meanings show the workers' level of organization against their employers – the Lundgren. The coup is, therefore, a milestone in Rio Tinto's operative movement.

**Key-words:** 1964 Civilian and Military Coup; workers; Paraíba.

O período compreendido entre o final dos anos 1950 até 1964 coincide com o incremento destacado da organização dos trabalhadores em Rio Tinto<sup>2</sup>. Nestes anos, os

---

<sup>1</sup> Mestre em História Social pela Universidade Federal do Ceará, cuja Dissertação tem como título: *Tecendo fios, fazendo história: A atuação operária na cidade-fábrica Rio Tinto (Paraíba, 1959-1964)*. Este artigo é parte integrante do terceiro capítulo de minha Dissertação, defendida em 23 de julho de 2008.

operários (serralheiros, tecelãs, fiandeiras, motoristas, oleiros, torneiros, tingidores...) acentuaram suas reivindicações para com os dirigentes da tecelagem. A este tempo, contavam com o apoio da estrutura do sindicato – que em 1960, seria eleito o operário Antônio Fernandes, destacado opositor da fábrica – e da prefeitura - com a eleição deste mesmo operário, em 1963 para a administração do município.

É notório o avanço das conquistas e reivindicações, que consistiam em um leque de temas, pautado, sobretudo em: melhoria do atendimento à saúde (especialmente por meio dos serviços prestados pelo Serviço de Atendimento Domiciliar de Urgência – SAMDU, implantado pela fábrica em 1960), nas condições de trabalho; no cumprimento da Legislação Trabalhista, que ampara uma série de direitos, driblados costumeiramente pela fábrica; pagamento de salário-mínimo, de salário-família e de férias remuneradas. Assim como, ao mesmo tempo, lutavam para reverter pela via da Justiça do Trabalho, a decisão da fábrica em rescindir os contratos dos trabalhadores sem estabilidade no emprego (com menos de 10 anos de serviço) e, por conseguinte, as ações de despejo da vila operária dos trabalhadores demitidos. Tudo isto, tendo impacto na imprensa paraibana, alçando Rio Tinto a espaço de destaque no cenário social paraibano.

Nos meses precedentes ao fatídico 1º de abril de 1964, na Paraíba, como de resto no Brasil, os debates políticos em torno das Reformas de Base propostas por João Goulart estão na ordem do dia. Logo, tornam-se bandeira principal da luta dos movimentos sociais, seu significado e sua implementação traria mudanças decisivas, pois, *“tratava-se de um conjunto de medidas que visava alterar as estruturas econômicas, sociais e políticas do país, permitindo um desenvolvimento econômico autônomo e o estabelecimento da justiça social”*. (FERREIRA, 2003: 351-352)

Ponto culminante e definidor dessa conjuntura é o comício da Central do Brasil de 13 de março, interpretado por Daniel Aarão dos Reis, *“como os últimos ziguezagues à esquerda do presidente da República”* (REIS FILHO, 1990: 33). As propostas de reformas sociais de João Goulart, deste modo, fazem parte da agenda de luta do movimento sindical, mobilizam os trabalhadores urbanos e rurais, lideranças políticas, estudantes e sociedade civil.

---

<sup>2</sup> À guisa de esclarecimento, a cidade-fábrica de Rio Tinto, na Paraíba, foi construída pela família Lundgren (migrando da Suécia, o primeiro Lundgren, Herman Theodor, chegou ao Brasil 1855,. Passando pelo Rio de Janeiro e Bahia, Herman fixou-se no Recife) entre os anos de 1917 a 1924. Este empreendimento fabril se constitui, enquanto filial da fábrica de tecidos de Paulista, em Pernambuco. A tecelagem Rio Tinto, funcionou até 1990, quando encerrou suas atividades. Atualmente a cidade conta com uma população que ultrapassa os 22 mil habitantes, destes, 13.284 concentrados na área urbana – a maioria ex-trabalhadores da fábrica – e está localizada acerca de 50 Km da capital, João Pessoa. O acesso a Rio Tinto se dá através das rodovias BR-101 (João Pessoa-Natal) e PB-041. O município faz fronteiras com Mamanguape, Baía da Traição e Mataraca.

A repercussão do debate nacional, na cidade fábrica Rio Tinto, se dá, via movimento dos trabalhadores rurais e operários, pelo crescente interesse de participação e desejo de acompanhamento dos debates da situação político-econômica e social brasileira. As articulações entre trabalhadores da cidade e do campo, a atuação do sindicato, a eleição de operário à Prefeitura, em 1963, e o quadro de mobilização da cidade-fábrica, em defesa dos direitos sociais, tudo isso é objeto da ação repressiva do golpe civil-militar. Nessa conjuntura uma singularidade é notada em Rio Tinto no dia 1º de abril: uma greve geral em favor do Presidente João Goulart.

Na Paraíba, vêm-se reações contrárias ao golpe, em cidades como, Rio Tinto, Souza (localizada no sertão) e João Pessoa - onde comício no final da noite de 31 de março, protagonizado por políticos, jornalistas e lideranças de esquerda, é dissolvido pelo Exército no bairro de Cruz das Armas. (MELLO, 2004: 387). Da resistência ao golpe na Paraíba, Rio Tinto demonstra o grau de organização dos trabalhadores.

As análises de conteúdo e alcance da resistência popular parecem coincidir num ponto: a incapacidade de percepção de articulação do golpe pelos setores civis e militares. Não compreendem a movimentação da direita nos dias antecedentes ao golpe - é o caso da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, após o comício da Central do Brasil, e fala do Marechal Castelo Branco, Chefe do Estado-Maior do Exército, anunciando a movimentação golpista de setores do exército, no sentido de alijar o presidente Goulart do poder. Neste sentido, as esquerdas, *“decididamente, não acreditavam na possibilidade de um golpe da direita, mas sim do seu maior aliado, o próprio presidente da República”*. (FERREIRA, 2003: 387)

Nos depoimentos dos trabalhadores bem como das lideranças sindicais e políticas de Rio Tinto, o sentimento em relação ao golpe é ressaltado: *“Todo mundo foi tomado pelo golpe de surpresa, ninguém esperava que acontecesse isso”*.<sup>3</sup> De certo modo, prevalece o tom de desalento aliado à convicção difusa da esquerda, sobre a força potencial das reformas de base e de seu conteúdo mobilizador, em especial, da Reforma Agrária. O contexto precedente ao golpe vê recrudescer ainda mais as ocorrências, bem como a iminência de greves orquestradas pela C.G.T: *“Quando o golpe teve início em Minas Gerais no dia 30 de março, a CGT conclamou ainda uma vez mais os operários para uma greve geral”*. (FÜCHTNER, 1980:208-9)

A organização de greve geral, em Rio Tinto, portanto, segue orientação política da CGT, na articulação nacional da base sindical, inclusive para tentar barrar as primeiras tentativas de repressão golpista: Antônio Fernandes firma, de imediato, posição *“solidária à*

---

<sup>3</sup> Hermilo de Carvalho Ximenes. Juiz de Rio Tinto, no período de 1959 a 1964. Entrevista realizada em João Pessoa, julho de 2005.

greve decretada pela C.G.T.” (LAGE e PORTO, 1995: 144). Para o líder sindical dos bancários de João Pessoa, Luiz Hugo Guimarães, eram fantasiosas as tentativas devido à falta de estrutura do sindicalismo paraibano:

*O movimento sindical paraibano não tinha forças para reagir ao Golpe Militar, como de resto não teve o movimento sindical brasileiro, muito preocupado, à época, em disputar prestígio na esfera governamental. As correntes políticas que lideravam as massas trabalhadoras tinham profundas divergências, criando dificuldades para uma unidade de ação. (GUIMARÃES, 2002: 24-25)*

Para Lucília Delgado, entre os fatores de insucesso da greve geral, está na organização cupulista do CGT. É sua a análise:

*Os fatores principais da ausência de êxito desta iniciativa são: a grande repressão por parte dos órgãos policiais e militares e o fato dos principais líderes sindicais terem sido presos. Este último aspecto é decisivo: uma entidade de que se caracteriza pela atuação de suas lideranças de cúpula e não de suas lideranças intermediárias, a desativação dessas lideranças necessariamente ocasiona uma completa desmobilização do conjunto do movimento. (DELGADO, 1986: 77)*

Reunidos em primeiro de abril, em Assembléia Geral extraordinária, um considerado contingente de operários iniciam a paralisação das atividades da fábrica Rio Tinto. A ata da assembléia traz informações detalhadas do ocorrido: assinalam, na abertura da reunião, as recomendações de Antônio Fernandes aos trabalhadores, depois a fala do advogado do sindicato têxtil, José Gomes, destaca a necessidade da greve geral como forma concreta de apoio a João Goulart e reafirma o desejo de que o presidente da República derrotaria os golpistas. E continuam as movimentações:

*Em seguida, retirou-se junto com o Sr. Presidente que havia recebido um chamado dos trabalhadores da Fábrica Regina. Usou da palavra o secretário do sindicato, já em presença do Sr. Comissário de polícia do município, que a essa altura dos acontecimentos, permanecia na sede do sindicato. Em seguida o Comissário falou aos trabalhadores dizendo que, a ordem pública seria mantida, nesse momento chegaram novamente ao sindicato, o Sr. Presidente e o advogado que entraram em entendimento com o Sr. Comissário, a fim de pôr soldados da Polícia Militar nos portões da fábrica, no que foram prontamente atendidos.<sup>4</sup>*

Nesse ínterim, a estrada de acesso à cidade está bloqueada por operários grevistas. Assumindo os cargos de prefeito e presidente do sindicato, Antônio Fernandes toma a dianteira das decisões. Trabalhadores que presenciaram os acontecimentos de 1964

---

<sup>4</sup> Ata da Assembléia Geral Extraordinária do dia 01/04/64.

rememoram-nos de diferentes formas, onde o impacto do golpe é notado. O serralheiro Júlio Justino lembra a notícia do golpe, verificada quando um amigo chega à seção de trabalho avisando dos últimos acontecimentos. Destaca o sindicato de Rio Tinto, como lugar de difusão de notícias e rumo frente aos acontecimentos e as primeiras movimentações grevistas: *“Eu fui pra lá, para frente sindicato, daí disseram: olha rapaz vamos lá no Patrício [o operário se refere ao nome de uma rua próxima à fábrica] porque tá lá um piquete de greve para não entrar ninguém. Eu fui. Eu sai pra lá.”*<sup>5</sup>

Os trabalhadores que iniciam o turno de trabalho às seis horas da manhã de 1º de abril, são pegos de surpresa com a notícia do golpe e da greve geral em Rio Tinto. *“Quando foi 6 hs da manhã passou um carro cantando umas músicas”* relembra Severino Nascimento Soares, vigia da fábrica, informando a tensão naqueles momentos: *“Quando foi umas seis e meia para as sete horas, eles taparam a estrada, para quem viesse de Mamanguape para cá, não passar, só o povo mesmo de Bolinha [alunha de Antônio Fernandes]”*.<sup>6</sup>

O papel do sindicato na convocação dos trabalhadores é lembrada por José Antônio da Silva: *“O sindicato tava convocando os trabalhadores para ajudarem o presidente João Goulart.”*<sup>7</sup> A greve decretada faz com que trabalhadores se dirijam ao lugar de organização da resistência: o sindicato. A tecelã Clotilde Cavalcanti é uma dessas operárias e assim rememora a ida a entidade e a tensão, principalmente, com a chegada da polícia:

*Foi em 1964 uma greve que houve aqui. E dessa vez o povo todinho ia “praculá” [refere-se ao sindicato] e até eu fui para dentro do sindicato, e Antônio Bolinha tava lá, e aí fui para lá. Eu tava grávida, ai quando foi um pouco mais, ai foi aquele batalhão, ai Luiz de Barros disse: não entra ninguém e não sai ninguém. Aí eu tava grávida, Luiz [seu marido] com a mão no meu ombro, ai deixaram eu passar, eu fui para casa. Ai ficou a greve lá, agente viu uma cara apanhar, passou um soldado e deu no rapaz.*<sup>8</sup>

Como o centro de mobilização é o sindicato têxtil, para lá se dirige a força policial, acionada na figura do coronel da polícia Luiz de Barros, temido pelos operários: *“Ele era brabo, muito brabo mesmo”* reitera a tecelã. A chegada de Luiz de Barros para dispersar o movimento e os direcionamentos de Antônio Fernandes, é lembrado por Luiz Juvenal: *“Na*

<sup>5</sup> Júlio Justino da Silva – 78 anos. Serralheiro começou a trabalhar em 1948 na fábrica. Entrevista realizada em Rio Tinto, julho de 2005.

<sup>6</sup> Severino Nascimento Soares – 72 anos. Trabalhou como tecelão de 1949 a 1960, quando passou a trabalhar como vigia. Entrevista realizada em Rio Tinto, julho de 2005.

<sup>7</sup> José Antônio da Silva – 78 anos. Entrou para a fábrica em 1940, trabalhou como carpinteiro e no pós-1964, tomou parte na diretoria do sindicato. Em 1967 se tornou presidente, posteriormente vice-prefeito e vereador em Rio Tinto. Entrevista realizada em Rio Tinto, novembro de 2006.

<sup>8</sup> Clotilde Cavalcante Juvenal. Trabalhou como tecelã. Entrevista realizada em Rio Tinto, julho de 2005.

*hora que Luiz de Barros chegou, Antônio Bolinha disse: Meu povo não sai ninguém. Luiz de Barros tá vindo aí, mas não sai ninguém, ele não é bicho não. Deixa que eu converso com ele, eu sei resolver meus problemas com ele. E assim foi.”<sup>9</sup>*

Em Rio Tinto e ademais em regiões de efervescência social, como Sapé – sede da maior Liga Camponesa da Paraíba - o papel da repressão é exercido pela polícia militar. Luiz de Barros tem atitudes arbitrárias com desmandos e seu jeito de pôr medo em camponeses e operários: “O negócio dele era chegando e dando pancada né. Era o jeito de assombrar o povo. E ele dava pancada mesmo”, relata Júlio Justino, traduzindo significativamente a forma opressora do coronel, no trato com os trabalhadores.

Voltando a greve em Rio Tinto, entre as estratégias de resistências organizadas por Antônio Fernandes e José Gomes da Silva, encontram-se a tática de usar os Lundgren como reféns. O juiz Hermilo Ximenes diz que na madrugada de 1º de abril, é acordado por Antônio Fernandes e José Gomes que informavam do golpe militar em andamento no país, e que iriam resistir em Rio Tinto. Prontamente, o juiz parte para aconselhamentos:

*Aí eu desaconselhei, disse: vocês vão resistir a uma coisa dessas? o operariado desarmado - por que eu proibi eles até andar com faca - como é que vocês vão resistir, com o que? Eles disseram: nós vamos prender os galegos! [se referem aos Lundgren] Eu disse: olhe vocês não vão prender os galegos, por que eles nada fizeram, vocês na façam essa besteira, por que eu vou lá com a polícia e mando soltar. Queriam prender os Lundgren. Eu disse: isso vocês não fazem, por que se vocês fizerem e chegar ao meu conhecimento, que os Lundgren, estão presos eu vou lá com a polícia e solto. E eles se conformaram, de lá da minha casa, foram para a fábrica, mas para parar a fábrica, não para prender ninguém.*

Das ligações políticas, resulta atitude de conselhos para que as medidas de resistência sejam adotadas, em algum nível de consenso. O rádio é veículo para se atualizar dos acontecimentos. Enquanto ouve várias estações, na casa do Promotor, Hermilo Ximenes afirma que as manifestações em Rio Tinto continuavam por todo o dia: os trabalhadores realizavam discursos e passeatas na praça central da cidade.

Nos primeiros momentos do golpe, a tentativa de resistência malograda, em Rio Tinto, não é diferente da de outros pontos do país, pelo despreparo e falta de antevisão:

*O fato é que o episódio de Rio Tinto deve ser analisados no bojo de heróicas e desconectados tentativas de resistência que, imediatamente, mostravam-se inviáveis e, a bem da verdade revelavam a fragilidade*

---

<sup>9</sup> Luiz Juvenal – 83 anos. Trabalhou como torneiro de marcenaria, de 1939 a 1974. Entrevista realizada em Rio Tinto, julho de 2005.

As edições dos jornais *A União* (jornal oficial do governo paraibano) e *O Norte* (jornal dos Diários Associados) nos primeiros dias de abril revela que não há registros sobre a greve a favor de João Goulart, em Rio Tinto. Não obstante, na edição de 03 de abril, o *Correio da Paraíba* registra: *Camponeses e operários reagiram em Rio Tinto*. Sobre a paralisação da cidade-fábrica, observa-se articulação entre trabalhadores do campo e da cidade. A greve decretada, a fábrica paralisada e a aglomeração de operários, nas ruas e sede do sindicato têxtil, dão a dimensão da participação dos trabalhadores na convocação das lideranças sindicais, em demonstração de resistência ao golpe. O artigo do *Correio da Paraíba* elogia a atuação da polícia e do temido coronel Luís de Barros, que aciona o aparato repressivo: *“No sentido de sufocar o movimento, fazendo a calma voltar aquele centro fabril do Estado [...] onde após escaramuças com manifestantes, conseguiu restabelecer a ordem”*.<sup>10</sup>

Especula-se também, sobre suposta *“grande quantidade de armas, que certos setores janguistas lhes iriam fornecer, através de desembarque em algum ponto da praia,”* na região de Rio Tinto. Especulação logo confirmada como im procedente pelo jornal:

*Todavia se é que tal versão tinha procedência, as armas não chegaram em virtude da ação pronta da polícia que prendeu quase todos os manifestantes. Até o momento, desconhece-se o número de feridos na refrega, mas notícias procedentes daquela cidade informam que tal número sobe a mais de 50. Entre os presos encontram-se o prefeito de Rio Tinto.*

Informação inverídica é a de que Antônio Fernandes tenha sido preso, naquele 1º de abril. Esta notícia é contraditada pelas outras fontes. A propósito da resistência o próprio Antônio Fernandes afirma: *“Não houve resistência não havia arma, não havia nada e como vai se resistir sem isso aí.”*<sup>11</sup> As refregas, em Rio Tinto, duram o 1º de abril. No calor dos acontecimentos, com espancamentos e prisões, José Gomes, Antônio Fernandes e Hermilo Ximenes escapam à polícia e saem de Rio Tinto. A saída de Rio Tinto é preparada em surdina: *“Bolinha saiu de lá como eu, as ocultas, Zé Gomes saiu também.”*<sup>12</sup> Tal fato é assegurado por José Antônio da Silva: *“Quando veio a revolução de 31 de março, aí saiu Bolinha e o juiz Hermilo Ximenes escondidos dentro de uma ambulância. E foram pra João Pessoa.”*<sup>13</sup>

<sup>10</sup> *Camponeses e Operários reagiram em Rio Tinto*. Correio da Paraíba, 03 de abril de 1964.

<sup>11</sup> Antônio Fernandes de Andrade. Entrevista realizada pelo Historiador Silvio Frank Allem, Maria Bernadete de Macedo, em 19 de outubro de 1984.

<sup>12</sup> Hermilo de Carvalho Ximenes. João Pessoa, julho de 2005.

<sup>13</sup> José Antônio da Silva – 78 anos. Rio Tinto, novembro de 2006.

A Ata da assembléia geral do Sindicato detalha o aparato da ação policial, a tensa conversa entre Antônio Fernandes e o Coronel Luiz de Barros, na sede do sindicato, bem como as agressões cometidas contra os trabalhadores:

*Por volta das 10.30 horas, chegava ao município uma guarnição da Polícia Militar do Estado da Paraíba, sob o comando do Sr. Coronel Luís de Barros, aquartelando-se na Delegacia local. Dentro de poucos minutos depois, o Sr. Coronel mandou um dos seus comandados, intimar o Presidente do Sindicato que recusou. Novamente o Coronel em companhia de seus auxiliares, dirigiu-se ao sindicato; ficando o Sr. Coronel em plena rua e convidando o Sr. presidente a ir até sua presença, no que não fora atendido novamente. Entretanto o Sr. Presidente convidou o Sr. Coronel a entrar, afim de conversarem. O Sr. Coronel exigiu a retirada de todos os trabalhadores que ocupavam a sede e suas adjacências. Em seguida interditou toda a artéria do quarteirão, armou uma metralhadora no prédio fronteiro ao Sindicato, e, pôs em cada porta e janelas da sede sindical, um policial apontando o fusil ou metralhadora na direção do Presidente do Sindicato. Em seguida, restando apenas o presidente no recinto, o Sr. Coronel também armado de metralhadora penetrava no recinto, acompanhado de outros militares. Enquanto os dois se entendiam, a vista de todos que de longe presenciava a cena os policiais ainda davam tabefes e coronhadas de fuis. Cerca de 12 (doze) horas o Coronel retirou-se com o grupo e o Sindicato permaneceu aberto.<sup>14</sup>*

É lícito supor que, neste intervalo de tempo em que Luiz de Barros está ausente de Rio Tinto, Antônio Fernandes consegue escapar, como se depreende desta informação da ata:

*Tudo parecia calmo, quando por volta das 18:30, o Sr. coronel chegava até o sindicato, ordenou ao Sr., tesoureiro o fechamento da sede; e acrescentando que, só com ordem da polícia poderia abrir. Em seguida mandou que todos desaparecessem. E, como o presidente não estava no momento, o sr. secretário juntamente com o tesoureiro; recomendou aos trabalhadores que, fossem para suas casas e não saíssem; até que fosse restabelecida a segurança na cidade e voltasse a calma em todo país.*

O desfecho, para Antônio Fernandes, é sua fuga, como ele relata: “Eu fiquei 3 a 4 dias guardado por aí e, depois, resolvi a sair. Todas nossas esperanças tinham sido sustadas, de modo que alguns deles já tinham sido banidos para o Uruguai. As entidades

---

<sup>14</sup> Ata da Assembléia Geral Extraordinária do dia 01/04/64.

*sindicais do Rio de Janeiro já tinham sido ocupadas por forças.*<sup>15</sup> A fuga por cidades do interior da Paraíba, finaliza quando se esconde em pequena cidade do Rio Grande do Norte - Nova Cruz - com identidade falsa. Depois, decide entregar-se em 15 de abril, no Quartel do 15º Regimento de Infantaria em João Pessoa. (JOSÉ, 1994: 350).

Passados dias do Golpe, a Câmara de vereadores de Rio Tinto alinha-se ao movimento militar e à posição do Governador Pedro Gondim, em favor “*da manutenção da ordem e da tranqüilidade do nosso querido Brasil*”.<sup>16</sup> Em Rio Tinto, o tempo segue carregado, paira atmosfera de tensão, sindicato sob intervenção, e o aparelho militar em constante vigilância, com o apoio do DOPS e seu “olhar de lince.” (CAVALCANTI, 1980: 224-6.) A intervenção do sindicato e a vigilância do Exército, em assembleias sindicais, é intensificado nos primeiros anos da ditadura militar:

*Foi uma vida que o sindicato viveu atrelado, não é? Era um entravamento tão tremendo que o advogado vinha pra aqui, se ele queria se expressar numa situação era com o gravador, assim, porque pra qualquer eventualidadzinha estava com a fita: Assembleia realizada dia tal, no sindicato dos trabalhadores. Cada assembleia, dessas que a gente fazia, a gente não via, mas com toda certeza estávamos sendo assistidos, de pertinho, por pessoas que eram isentas das advertências sindicais. Estávamos tremendamente assistidos e controlados.*<sup>17</sup>

O controle e vigilância no sindicato e no meio operário são verificadas quando dirigentes sindicais se colocam como instrumento do aparelho militar. Exemplo é quando um operário questiona o movimento militar, e é prontamente demitido da fábrica a mando do coronel do Grupamento de Engenharia do Exército em João Pessoa. O episódio emblemático é relatado por José Antônio Silva:

*Teve um senhor que eu fui discutir uma suspensão como ele, lá no departamento pessoal. Ai eu disse: evita isso, de falar da Revolução, a Revolução não veio para isso a Revolução veio para o centro. Toda revolução vai para o centro. Aí ele caiu na besteira de falar: quem é essa Revolução? Aí eu olhei para ele e disse: essa Revolução você já viu. Ai ele disse: eu queria falar com essa tal de Revolução! Aí ele falou e falou e me desafiou, ai eu disse: pois se prepare para sair de Rio Tinto. Ele não acreditou. Eu fiz um memorando, e mandei para o Grupamento de*

---

<sup>15</sup> Antônio Fernandes de Andrade. Entrevista realizada pelo Historiador Silvio Frank Allem, Maria Bernadete de Macedo, em 19 de outubro de 1984.

<sup>16</sup> Câmara de Rio Tinto aprova solidariedade ao Governador. O Norte, 07 de abril de 1964.

<sup>17</sup> Antônio Martins Delgado, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem de Rio Tinto (1976-1986). Entrevista realizada por Silvio Frank Allem e Maria Bernadete F. de Macedo. Rio Tinto, 24 de maio de 1984.

*Engenharia. O Coronel mandou que tirasse ele daqui para não prejudicar os trabalhadores.*

A demissão do operário pelo desafio à “Revolução” demonstra quanto o Exército é vigilante em Rio Tinto. José Antônio, na diretoria do sindicato desde 1964, faz-se presidente em 1967, em colaboração com o aparelho de repressão, pois de sua rotina consta a entrega semanal de relatórios dos acontecimentos de Rio Tinto:

*O exército pediu de 15 em 15 dias um relatório de tudo que eu soubesse. A partir do dia da revolução, tinha documento que botava assim: confidencial. Infelizmente eu trabalhei no sindicato dessa maneira. Falava de tudo o que acontecia aqui em Rio Tinto que contrariava os princípios da revolução.*<sup>18</sup>

Para julgar e enquadrar os chamados *subversivos* há a instalação de Inquéritos Policiais Militares – IPMs, logo posteriormente ao golpe. As investigações e os depoimentos se dão de forma menos arbitrária: *“Em cada dez IPMs, nove eram conduzidos com estrito respeito às garantias dos acusados. Era comum que se convocassem por carta ou até por editais publicados na imprensa os depoentes sabidamente incriminados”.* (GASPARI, 2002: 134)

E foi precisamente nas investigações no caso do juiz Hermilo Ximenes, que podemos enxergar a tensa conjuntura em Rio Tinto. Em 03 de junho de 1964, o Exército envia à Rio Tinto o Major Affonso Augusto de Toledo Navarro, do 1º Grupamento de Engenharia. Desta visita investigativa, resulta relatório entregue ao responsável pelo IPM - Major Ney de Oliveira Aquino. O Major Affonso ouve diversas pessoas, entre elas, o Promotor Público Ginaldo Ferreira Soares, que, em poucas palavras, define o clima de suspeição em Rio Tinto: *Ou está com a Fábrica ou é comunista.*<sup>19</sup> O depoimento do promotor Ginaldo Ferreira Soares ressalta a gravidade da situação: os operários acuados e o sindicato sob intervenção. A visita do Major tem conclusões extraordinárias, afirmando que os Lundgren procuram dominar os vários espaços de poder em Rio Tinto:

*Tudo isso explica o interesse da família Lundgren em terem sob o seu controle a prefeitura, o juiz, o delegado de polícia, os coletores, o sindicato e a Câmara de Vereadores. Antes da revolução nenhum desses elementos era subordinado a Fábrica. Atualmente, com exceção do Juiz, que ainda não foi substituído, todos os demais elementos são controlados pelos Lundgren (...) O certo é que o Juiz não se subordinou à Fábrica, e é dotado de acentuado espírito de Justiça.*<sup>20</sup>

<sup>18</sup> José Antônio da Silva – 78 anos. Rio Tinto, novembro de 2006.

<sup>19</sup> *Inquérito Policial Militar de 31 de julho de 1964.* p.22

<sup>20</sup> *Relatório de Viagem.* Major Afonso Augusto de Toledo Navarro. 03 de junho de 1964. *Inquérito Policial Militar de 31 de julho de 1964.*

Surpreendentemente, no IPM, os Lundgren são acusados de formação de provas e testemunhos falsos. Em destaque, na visão do próprio aparelho militar, o questionamento da exorbitância de poder dos Lundgren em Rio Tinto em análise conclusiva e bastante reveladora e contundente:

*(a) - O caso XIMENES nada tem a ver com subversão, no sentido correto desse conceito. É um pleito entre a Companhia de Tecidos Rio Tinto, seus Diretores e advogados, e o Juiz, ao que tudo indica provocado por ter este último fugido à norma vigente no Município de submeter-se às vontades e interesses da Empresa, atitude essa que a Companhia não tolera nem admite.*

*(e) - O conceito de subversão, para a Companhia de Tecidos Rio Tinto é 'sui generis: ' subversão é decidir contra seus interesses, nem sempre muito democráticos; subversão é impedir que a legislação trabalhista seja burlada; subversão é obstar a corrupção eleitoral por seus pressupostos; subversão é opor-se à arbitrariedade e à violência por parte dos seus Diretores, administradores e vigias.*

O IPM constitui documento de posicionamento do Exército, com denúncia das arbitrariedades dos Lundgren e as evidências de seu desmesurado poder na região, nas costumeiras e históricas tentativas de subordinar o poder público, além de sindicato e espaços de presença operária, à seus interesses. Fugir à “obediência” aos donos da fábrica torna-se variável de resistência e luta da experiência operária em Rio Tinto. Com o Golpe de 1964, é evidente o retrocesso e a desarticulação da organização operária. Mas isso não significa dizer que eles estão inteiramente desorganizados: encontraram brechas e construíram possibilidades de luta por direitos, agora, de outras formas e em outro momento histórico.

### Referências bibliográficas

CAVALCANTI, Paulo. **A luta clandestina (O caso eu conto, como o caso foi) Memórias políticas**. Recife: Guararapes (4<sup>o</sup> volume), 1980.

CITADINNO, Monique. **Populismo e Golpe de Estado na Paraíba (1945-1964)**. João Pessoa: UFPB, 1998.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Comando Geral dos Trabalhadores no Brasil – 1961-1964**. Petrópolis: Vozes, 1986.

FERREIRA, Jorge. O Governo Goulart e o Golpe Civil-Militar de 1964. In. FERREIRA, Jorge e NEVES, Lucília de Almeida. (Orgs.) **O Tempo da Experiência Democrática: Da Democratização de 1945 ao Golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 (O Brasil Republicano, V.3).

FÜCHTNER, Hans. **Os Sindicatos brasileiros de trabalhadores: organização e função política**. Tradução de Jehovanira Crysóstomo de Souza. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980 (Biblioteca de Ciências Sociais; n. 14).

GASPARI, Elio. **A Ditadura envergonhada**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2002.

- GUIMARAES, Luiz Hugo. **1964: Recordações da Ilha Maldita**. João Pessoa: 2º Ed. Edições FUNESC, 2002.
- JOSÉ, Ademilson. Rio Tinto, a Cidade que quase Virou Praça de Guerra. In. BARBOSA, Sebastião. GUEDES, Nonato. MELLO, José Octávio. OLIVEIRA, Carla Mary S. e NÓBREGA, Evandro. **O Jogo da Verdade – Revolução de 64 – 30 Anos Depois**. João Pessoa: A União, 1994.
- LAGE, Iveline da C. e PORTO, Maria das Dores P. Oliveira. **CEPLAR - História de um Sonho Coletivo: Uma Experiência de Educação Popular na Paraíba destruída pelo Golpe de 1964**. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura. 1º Edição, 1995.
- LEMOS, Assis. **Nordeste, o Vietnã que não houve: Ligas Camponesas e o golpe de 64**. Londrina: Ed. UEL/Ed. UFPB, 1996.
- \_\_\_\_\_. Carta ao Companheiro Jório Machado. In: MACHADO, Jório. **1964: A opressão dos Quartéis**. João Pessoa: O Combate, 1991.
- MACHADO, Jório. **1964: A opressão dos Quartéis**. João Pessoa: O Combate, 1991.
- MACÊDO, Maria Bernadete Ferreira de. **Inovações Tecnológicas e Vivência Operária – O caso de Rio Tinto 1950-1970**. João Pessoa: Departamento de Economia da UFPB, 1986 (Dissertação), Vol.II.
- MELLO, José Octávio de Arruda. Paraíba: Populismo Radical, Mobilização Direitista e Desenlace. In. **1964: No mundo, Brasil e Nordeste**. João Pessoa: UNIPÊ, 2004.
- MORAES, João Quartim de. **O colapso da resistência ao Golpe de 1964**. HISTÓRIA – UNESP. São Paulo: Ed. UNESP, v. 14, 1995.
- MONTENEGRO FILHO, Sérgio. Tanques nas ruas. É o golpe! In: BARRETO, Túlio Velho e FERREIRA, Laurindo (orgs). **Na trilha do Golpe: 1964 revisitado**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/editora Massangana, 2004.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. **A Revolução faltou ao encontro – Os comunistas no Brasil**. São Paulo: Brasiliense/CNPQ. 1990.
- ROZOWYKWIAT, Maria Teresa Gondim. Arraes: duas mãos e o sentimento do mundo. In: **CLIO. Revista de Pesquisa Histórica**. Dossiê 64. Recife: Editora da UFPE N.22, 2004/ Apresentação: Socorro Ferraz, 2006.

## Documentos

- Inquérito Policial Militar de 31 de julho de 1964*, elaborados pelo Exército da Paraíba, sendo encarregado do IPM – Major Ney de Oliveira Aquino.
- Ata da Assembléia Geral Extraordinária do Sindicato Têxtil de Rio Tinto - 01/04/64. Ficha de Identificação – Antônio Fernandes de Andrade*. Delegacia de Ordem Política e Social - DOPS. Arquivo Geral. Serviço de Informações. Segurança Política. João Pessoa – PB.

## Entrevistas

- José Antônio da Silva* – 78 anos. Entrou para a fábrica em 1940, trabalhou como carpinteiro e no pós-1964, tomou parte na diretoria do sindicato. Em 1967 se tornou presidente, posteriormente vice-prefeito e vereador em Rio Tinto. Entrevista realizada em Rio Tinto, novembro de 2006.
- Antônio Martins Delgado*, presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Fiação e Tecelagem de Rio Tinto (1976-1986). Entrevista realizada por Silvio Frank Allem e Maria Bernadete F. de Macedo. Rio Tinto, 24 de maio de 1984. In.: MACÊDO, Maria Bernadete Ferreira de. *Inovações Tecnológicas e Vivência Operária – O caso de Rio Tinto 1950-1970*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Economia da UFPB. João Pessoa, 1986. Vol.II – Cronologia e Anexos. Anexo n.07
- Hermilo de Carvalho Ximenes*. Juiz de Rio Tinto, no período de 1959 a 1964. Entrevista realizada em João Pessoa, julho de 2005.
- Clotilde Cavalcante Juvenal*. Trabalhou como tecelã. Entrevista realizada em Rio Tinto, julho de 2005.

**Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**

Ano I - Número I - Julho de 2009

www.rbhcs.com

ISSN: 2175-3423

*Luiz Juvenal* – 83 anos. Trabalhou como torneiro de marcenaria, de 1939 a 1974. Entrevista realizada em Rio Tinto, julho de 2005.

*Júlio Justino da Silva* – 78 anos. Serralheiro começou a trabalhar em 1948 na fábrica. Entrevista realizada em Rio Tinto, julho de 2005.

*Severino Nascimento Soares* – 72 anos. Trabalhou como tecelão de 1949 a 1960, quando passou a trabalhar como vigia. Entrevista realizada em Rio Tinto, julho de 2005.

*Antônio Fernandes de Andrade*. Entrevista realizada pelo Historiador Silvio Frank Allem, Regina Behar e Maria Bernadete de Macedo, em 19 de outubro de 1984. In.: MACÊDO, Maria Bernadete Ferreira de. *Inovações Tecnológicas e Vivência Operária – O caso de Rio Tinto 1950-1970*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Economia da UFPB. João Pessoa, 1986. Vol.II – Cronologia e Anexos. Anexo n.08

**Jornais**

*O Norte* (João Pessoa - PB)

*A União* (João Pessoa - PB)

*Correio da Paraíba* (João Pessoa - PB)

Recebido em 30/05/2009

Aprovado em 30/06/2009